

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS - INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

**A INCOERÊNCIA HUMANA NOS CONTOS REALISTAS DE MACHADO
DE ASSIS**

Vanessa Coimbra da Costa

Dra. Rosangela M. Mantolvani (orientadora)

JUÍNA/2011

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

**A INCOERÊNCIA HUMANA NOS CONTOS REALISTAS DE MACHADO
DE ASSIS**

Aluna: Vanessa Coimbra da Costa

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosangela Manhas Mantolvani

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitações Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

JUÍNA/2011

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE

BANCA EXAMINADORA

Dr. Cláudio Silveira Maia

Suzana Oliveira Martins

Dra. Rosangela M. Mantolvani
(orientadora)

*Dedico este trabalho ao Deus que me deu
Forças para seguir em frente e a minha mãe Nuzeli.
por todo o esforço, para que eu chegasse até aqui.*

AGRADECIMENTO

À Prof.^a Dra. Rosangela M. Mantolvani, minha orientadora, que norteou os meus passos na realização deste trabalho e reforçou o conceito de como deve agir um verdadeiro pesquisador.

Ao Prof. doutorando Rafael Elsinger Guimarães, verdadeiro mestre que mostrou para mim o outro lado da literatura.

Ao Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia, coordenador do curso de Letras nessa instituição, que nos abriu várias portas rumo ao conhecimento.

À Prof.^a doutoranda Patrícia Duarte de Brito, que me ensinou o verdadeiro significado e conceito das palavras Professor e Educação.

Aos Professores Dr. Francisco Curbelo Bermudes, Ms. Solange Raquel Weber, Ms. Djalma Gonçalves Ramires, Ms. Cezar Afonso Borges e prof. Adilson Wagner de Oliveira, que me ensinaram a importância de um professor de Línguas e Literaturas.

À minha amiga Rodis, pelo carinho e paciência, por todos os momentos que estive comigo no decorrer destes três anos.

À minha amiga Jeciane, por todas as conversas, por todo o apoio no decorrer deste período.

Às minhas amigas, Rafaela, Marcela, Sorraily, Grasiela, Elaine e Cris, por todo o carinho que me deram e me dão.

Aos meus irmãos, Raquel e Micael, a minha avó Jovita, ao Raimundo (Nego) e a toda a minha família que me incentivaram para chegar até aqui.

Aos meus professores do Ensino Fundamental (Escola 21 de Abril) e Ensino Médio (Escola Dr. Artur Antunes Maciel), pois eu não estaria aqui, se não fossem vocês.

À equipe da Associação Pestalozzi de Juína, que me ajudaram no Ensino Médio.

***No contexto humano, não há
coerência sem interrupção; nenhum
sistema é completo.***

Paul Dixon

RESUMO

Este trabalho tem por principal objetivo, analisar os contos realistas de Machado de Assis e identificar as características humanas presentes nos mesmos. No entanto, não se busca características “normais” do cotidiano e sim incoerências/contradições do homem em suas ações e reações, ou seja, como as personagens de Machado são parecidas com o homem de carne e osso em suas atitudes. Para essa análise serão abordados os contos *O Alienista* e *A Igreja do Diabo*. Em *O Alienista*, o principal personagem é o Dr. Bacamarte que, por meio dos preceitos da ciência positivista, acredita que o ser humano deve ser perfeito, não possuindo nenhum desvio de conduta, acabando por encontrar em si o perfeito equilíbrio mental que não viu nas demais pessoas; enfim, tinha a percepção de si mesmo como um ser humano perfeito, correto e inalterável. Já em *A Igreja do Diabo*, além de possuir as incoerentes figuras humanas, apresenta também tais características nas imagens de Deus e do Diabo, que apesar de serem seres “superiores” aos homens, são cativos de suas próprias condições míticas, eternizando a contradição.

Palavras-Chave: Ser humano, Incoerência, Machado de Assis e Contos

ABSTRACT

This work has as main objective to analyze the realistic short stories by Machado de Assis and identify the human characteristics present in them. However not search features "normal" everyday but inconsistencies/ contradictions of man in his actions and reactions, that is, as Machado's characters are similar to the man of flesh and blood in their attitudes. For this analysis had used the short stories *O Alienista (The Alienist)* and *A Igreja do Diabo (The Church of Satan)*. In *O Alienista* the main character is Dr. Bacamarte that through the precepts of positivist science believes that human beings must be perfect, I have no bypasses of conduct, and ultimately find itself the perfect balance of mind that has not seen in others finally in brief to him was a perfect human being, right and unalterable. In *A Igreja do Diabo*, besides having the inconsistent human figures, also has such features in the images of God and the Devil, who despite being beings "superior" to men, are captives of their own mythical conditions, perpetuating the contradiction.

Keywords: Human, Inconsistency, Machado de Assis and short stories

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
O CONTEXTO E O CONCEITO DE REALISMO	12
UM ESCRITOR ENTRE OS MAIS CRIATIVOS DO MUNDO.....	22
A CONTRADIÇÃO E A VISÃO CIENTIFICA EM BACAMARTE	26
AS FIGURAS DO BEM E DO MAL, E A ETERNA CONTRADIÇÃO HUMANA	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
SITES CONSULTADOS.....	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como meta investigar as contradições humanas na literatura, em especial nos contos realistas “A Igreja do Diabo” e “O Alienista”, de Machado de Assis. Através deste trabalho, poderemos perceber como conhecer o ser humano, ou melhor, nos mesmos por intermédio da literatura. Além de que o mesmo terá embasamento da psicanálise, a fim de reforçar as críticas literárias.

A escolha deste tema surgiu, pois é de fundamental importância conhecer o que o homem pensa de si mesmo. Para que esse objetivo seja alcançado por meio da literatura, no estudo da escola literária realista, buscando destacar nas obras a realidade humana e as entidades sociais.

A incoerência é uma das características principais do ser humano, porém pode ser considerado seu maior problema, pois essa contradição pode causar transtorno para si próprio e a seus semelhantes através do relacionamento. Algumas das questões que são colocadas em relação a este assunto é o porquê o ser humano criado a semelhança de Deus apresenta constantes instabilidades emocionais em especial contra o seu próximo, devido a falta de equilíbrio e conhecimento do seu “eu”.

Para muitos, a literatura não passa de simples diversão não possuindo nenhum valor para a vida profissional e pessoal, no entanto, deve-se lembrar que assim como a filosofia a literatura é uma grandiosa fonte de conhecimento e aprendizado.

Pretende-se, ao longo dessa pesquisa, investigar as contradições em relação as suas ideologias e crenças ou a insatisfação humana em relação à vida, mesmo que ela já esteja boa ele sempre quer mais. Esta investigação será feita no âmbito literário.

O presente trabalho será realizado mediante pesquisa bibliográfica e leitura interpretativa com enfoque no período realista no meado do século XIX, no seu contexto histórico e também analisar as obra teórica e como o ser humano é visto em tais obras, por fim comparar os aspectos observados nos contos as atitudes do homem do passado e da atualidade.

Para conseguir alcançar os objetivos propostos neste projeto, serão utilizados como principais aportes teóricos os críticos literários Afrânio Coutinho, o qual nos apresenta a história da literatura brasileira e sua visão crítica sobre os principais

escritores que compõem o cânone de nossa literatura; Alfredo Bosi, que também nos revela facetas importantes do realismo brasileiro, tecendo idéias sobre o panorama social em que se desenvolveu este realismo, além de uma abordagem diferenciada sobre alguns aspectos específicos do realismo em nossa sociedade.

Além destes dois grandes críticos literários, usamos Luiz Alberto Freitas, que trabalhou com o realismo, as obras de Machado e sua relação com a psicanálise freudiana, de maneira que as personagens do grande mestre realista foram analisadas sob uma ótica que apreende a personagem como representação de certo tipo de ser humano.

Para iniciar os estudos sobre o escritor Machado de Assis, procuramos nos ater aos indicativos da obra de Barreto Filho, que nos promete uma iniciação sobre as ideias dos escritos do autor e nos insere na abordagem de importantes facetas dos trabalhos, quando analisa sobre os romances. Embora comente rapidamente o trabalho de Machado nos contos mais conhecidos, foi capaz de nos dizer o quanto são importantes no cânone da literatura brasileira e como são capazes de retratar a sociedade burguesa da época, em seus interesses e ganâncias, sua mesquinhez e contradições.

A crítica mais esmiuçada, certamente por enfatizar o viés analítico, encontra-se em Antonio Candido, nome deveras relevante nos estudos de literatura brasileira, o qual avalia as produções de Machado e delimita alguns traços fundamentais para que se compreenda as relações sociais que se revelam nas construções estéticas do escritor realista.

A principal meta deste projeto foi a de salientar a importância da literatura na formação dos indivíduos, pois através da mesma pode-se construir ou ajudar na formação do caráter humano. Os vários gêneros literários, em especial os contos, passaram a mostrar, com o decorrer do tempo, um ser humano sem idealizações, dando mais efeitos às suas histórias, porém tem-se na figura enigmática de Machado de Assis o exemplo mais perfeito de contista realista, tratando-se da alma ou das ações humanas.

E, como não poderia deixar de ser, o viés da contradição, da incoerência, uma característica tão humana, vista como uma falha de caráter por alguns e como uma virtude por outros, em Machado ela se apresenta em alguns trabalhos como uma constante. Vista sob o viés satírico, nem sempre fica evidente a inserção dessa

faculdade humana com o sentido de crítica e censura ou como evidência de que todo homem está sujeito a falhas.

Este trabalho é constituído por dois capítulos, sendo o primeiro uma síntese do que foi o Realismo no século XIX em nossa sociedade e também nas demais comunidades exteriores, ou seja, procura mostrar as definições de realismo e o que esta escola artística possui de diferente dos demais movimentos. Além disto, traz também a história de Machado de Assis, não somente em termos pessoais, mas principalmente em termos profissionais que possam enfatizar suas características literárias.

No segundo capítulo, encontra-se o principal objetivo deste enunciado que é a demonstração das qualidades e defeitos humanos retratados nos contos de Machado e que estão presentes em nossos dia-a-dia. Para que fosse possível explanar os dois contos machadianos este capítulo foi dividido em dois sub capítulos, o primeiro deles tratando do conto *O Alienista, que se embasa nas duvidas causadas pelas contradições entre religião e a ciência. E o segundo tratando das contradições humanas no conto A Igreja do Diabo.*

Atualmente, o ser humano busca cada vez mais se tornar melhor ou ter mais poder aquisitivo não somente na vida pessoal como profissional, deixando de se preocupar com seus semelhantes, no entanto sabe-se que desde o princípio o homem é individualista e que suas incoerências são normais ou seja fazem parte do verdadeiro significado da palavra Homem.

O CONTEXTO E O CONCEITO DE REALISMO

O conceito de realismo não guardara entre os seus significados um que o remetesse à arte e, portanto, não se definia como uma posição estética. Mas, em determinado período da história da literatura, especificamente na metade do século XIX, na Europa, surge com um sentido amplificado, de maneira que o conceito de realismo passa a representar uma forma estética, cuja expressão artística busca aproximar-se o mais nitidamente e intimamente possível de certa realidade, retratada nas artes em geral, geralmente, a partir de uma perspectiva que admitia a visão (ou o olhar) das classes subalternas ou da baixa burguesia, em oposição ao olhar romântico da primeira e da segunda gerações de artistas, as quais o realismo e sua estética, despido de idealismos, procura contestar e superar. Como nos diz Afrânio Coutinho:

A palavra *realista* deriva de *real*, oriundo do adjetivo do baixo latim *realis*, *reale*, por sua vez derivado de *res*, coisa ou fato. Real+ismo (sufixo denotativo de partido, seita, crença, gênero, escola, profissão, vício, estado, condição, moléstia, porção) é palavra que indica a preferência pelos fatos e a tendência a encarar as coisas tais como na realidade são. Em literatura, Realismo opõe-se habitualmente a idealismo (e a Romantismo) em virtude da sua opção pela realidade tal como é e não como deve ser. [...] (COUTINHO, 2002, p. 9)

Esta é a definição da tendência realista que, em meados do século XIX, é transformada em escola literária, ou seja, o Realismo como literatura pode ser determinado como a arte de expressar o real. Apesar de suas características estarem presentes ao longo da história da literatura clássica, com pequenas e simplórias abordagens de temas sociais, e nos documentos históricos, como os pergaminhos e a própria Bíblia, no Brasil, é somente no momento em que circulam as criações literárias da terceira geração do Romantismo, principalmente nas poesias de Castro Alves, que elas se intensificam. Coutinho acrescenta, sobre os elementos do realismo:

[...] antes de se concretizarem numa época histórica, eles eram categorias estéticas ou temperamentos artísticos, tendências gerais da alma humana em diversos tempos, como Classicismo e Romantismo, surgindo o Realismo sempre que se dá a união do espírito à vida, pela objetiva pintura da realidade. Dessa forma, há Realismo na Bíblia e em Homero, na tragédia e comédia clássicas, em Chaucer, Rabelais e Cervantes, antes de aparecer em Balzac, Stendhal e Dostoiévski. [...] (COUTINHO, 2002, p. 4)

Esta tendência estética em que se procura representar a realidade, surge entre 1850 e 1900 nas artes européias, em especial na pintura francesa, desenvolvendo-se ao lado da crescente industrialização das sociedades, seguindo o fluxo da Revolução Industrial que colocara a burguesia no poder.

O homem do antigo continente havia aprendido a utilizar o conhecimento científico e a técnica para interpretar e dominar os fenômenos naturais e convenceu-se de que precisava ser realista, até mesmo em suas criações artísticas, deixando de lado o subjetivismo humano. Esta nova escola artística não foi apenas uma doutrina comum e superficial. Para Amora, o Realismo pode ser definido como:

[...] Tanto quanto o Classicismo e o Romantismo foi uma revolução cultural de amplo e profundo sentido. Em oposição ao passado imediato, e de certo modo em oposição a todo o passado, o Realismo definiu-se, antes de mais nada, por uma nova atitude do homem perante a realidade física e psicológica, e, conseqüentemente, por uma nova concepção dessa realidade. [...] (AMORA, 1973, p. 123)

Neste mesmo período, desponta outra tendência denominada Naturalismo, considerada a radicalização do Realismo, pois os romances naturalistas apresentavam uma abordagem aberta em relação ao sexo e uma linguagem falada, resultando em um diálogo vivo e assombrosamente verdadeiro, considerado na época chocante de tão inovador.

Os naturalistas acreditavam que o indivíduo é um simples produto da hereditariedade e o seu comportamento é decorrente do meio social em que vive, sendo por ele influenciado a ponto de não resistir aos apelos inconscientes da libido. Em ambas as tendências, buscava-se descobrir o ser humano através dos

personagens, observando que esta busca era feita segundo os preceitos de cada doutrina.

Amora acrescenta que: “ [...] o drama da existência das personagens dos romances e dos contos realistas e naturalistas é, em princípio, ou em síntese, o drama da vontade em luta com as forças cegas do determinismo biológico, social e cósmico. [...]” (AMORA, 1973, p. 137) Em geral, as principais características do realismo são o cientificismo, a valorização do objeto, o sóbrio, o minucioso e a expressão da realidade e dos aspectos descritivos. Proença Filho, ao discorrer sobre a principal característica desta escola enfatiza que há nela:

A preocupação com uma verdade não apenas verossímil, mas exata. A verdade é procurada através da observação e na análise da Realidade, no que esta tem de perene e universal. Não a realidade idealizada através da Razão, ou imaginada através dos sentimentos, mas a realidade materialmente verdadeira. (PROENÇA FILHO, 1969, p. 208).

Este movimento artístico/literário realista que desponta em meados do século XIX, como resistência à demasiada idealização presentes nos movimentos artísticos que o antecederam, especialmente o Romantismo, este tinha como características gerais o nacionalismo, o estoicismo, o individualismo, o egocentrismo, o pessimismo e o escapismo. É contra todos esses “ismos” que a escola realista vai se debater em suas composições, na tentativa de instalar uma representação da arte que reflita, na medida do possível, a realidade social imediata. Eça de Queirós, arauto do Realismo português, faz a seguinte distinção entre o Romantismo e o Realismo:

O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade. (QUEIRÓS apud PROENÇA FILHO, 1969, p. 207).

No período denominado realista/naturalista, a sociedade mundial e, em especial, a brasileira estavam passando por inúmeras mudanças sociais e econômicas. Entre esses fatos, está a falta de condições para o Brasil manter-se viável

economicamente, pois, logo após tornar-se independente de Portugal, em 1822, contava apenas com as exportações do setor agrícola.

Em termos de produção agrária, pode-se destacar a queda da produção açucareira e o fortalecimento da economia cafeeira. Porém, o fato mais relevante é a luta a favor da abolição da escravidão e a troca, posteriormente, da mão-de-obra trabalhadora escrava pela assalariada. Todos esses fatores sociais começavam a chamar a atenção da classe artística nacional, particularmente dos escritores, em especial, no ano de 1860, o final da era romântica.

A década de 60 do século XIX é considerada de suma relevância, e é vista como um período de preparação para a ruptura com o regime escravocrata e a queda das instituições políticas que o sustentavam.

No Brasil, essa crise se relacionava à substituição da monarquia e do poder dos latifundiários, via substituição de mão-de-obra escrava por livre. A mais importante dessas críticas já se encontrava nas páginas de um espírito realista e democrático. Alfredo Bosi faz a seguinte pontuação em relação a este desenvolvimento no espaço da literatura:

No plano da invenção ficcional e poética, o primeiro reflexo sensível é a descida de tom no modo de o escritor relacionar-se com a matéria de sua obra. O liame que se estabelecia entre o autor romântico e o mundo estava afetado por uma série de mitos idealizantes: a natureza-mãe, a natureza-refúgio, o amor-fatalidade, a mulher-diva, o herói-prometeu, sem falar na aura que cingia alguns ídolos como a “Nação”, a “Pátria”, a “Tradição”, etc. O romântico não teme as demasias do sentimento nem os riscos da ênfase patriótica; nem falseia de propósito a realidade, como anacronicamente se poderia hoje inferir: é a sua forma mental que está saturada de projeções e identificações violentas, resultando-lhe natural a mitização dos temas que escolhe. Ora, é esse complexo ideo-afetivo que vai cedendo a um processo de crítica na literatura dita “realista”. Há um esforço, por parte do escritor anti-romântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século. (BOSI, 2004, p. 167)

O realismo francês é marcado na literatura ocidental pela publicação do romance *Madame Bovary*, publicado em 1857, de Gustave Flaubert (1821-1880). Além do francês, destacam-se nomes importantes como do russo Fiódor Dostoiévski (1821-

1881), cuja obra-prima é *Os Irmãos Karamázov*, de 1879, e o inglês Charles Dickens (1812-1870), autor de *Oliver Twist*¹, publicado entre os anos de 1837 e 1839.

Na literatura brasileira, a obra considerada fundadora deste movimento artístico é o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicado em 1881, mesmo ano da publicação da obra *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, primeiro romance naturalista brasileiro. Pereira salienta que:

No momento, impressionou muito mais a novidade do *Mulato* –, sob muitos aspectos ainda tão preso às deformações românticas – do que a do *Brás Cubas*, muito mais completa e audaciosa. [...] Toda a gente se deslumbrou – ou se escandalizou – com *O Mulato*, sem perceber que o espírito de inovação e de rebeldia estava mais nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Aqui, ousadamente, varriam-se de um golpe o sentimentalismo, o moralismo superficial, a fictícia unidade da pessoa humana, as frases piegas, o receio de chocar preconceitos, a concepção do predomínio do amor sobre todas as outras paixões; afirmava-se a possibilidade de construir um grande livro sem reconhecer a natureza, [...] colocava-se um autor pela primeira vez dentro das personagens; surgiam afinal homens e mulheres, e não *brasileiros*, ou *gaúchos*, ou *nortistas*, e – *last but not least* - patenteava-se a influência inglesa em lugar da francesa, introduzia-se entre nós o humanismo. (PEREIRA, 1973, p. 53)

Com as duas publicações, *O Mulato*, de Aluísio, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado, a literatura nacional ganhou novas perspectivas, pois os dois movimentos, Realismo e Naturalismo, coexistiram sem misturar suas ideologias e, sobretudo, sem conflitos, sendo que a escola “chefiada”, como se refere Pereira, por Aluísio recebeu um grande número de adeptos e em compensação o realismo machadiano não chamou a atenção do público e dos demais escritores, constituindo-se basicamente de dois nomes de peso: José Maria Machado de Assis e o escritor Raul Pompéia.

Nascido em 12 de abril de 1863, no Rio de Janeiro, na cidade de Angra dos Reis, o escritor Raul Pompéia publicou seu primeiro livro ainda muito jovem. Leitor assíduo, mais tarde ingressou no curso de Direito, colaborou com jornais e revistas. O escritor exerceu, ao longo de sua vida, as carreiras de professor, político, jornalista, escritor e de certa maneira de polemista, além de ter sido abolicionista e republicano,

¹

Machado de Assis traduziu este livro no ano de 1870.

tendo uma vida agitada e cercada de polêmicas, inimizades e crises depressivas. Bastante sensível, suicidou-se no Natal de 1895, na cidade do Rio de Janeiro, abandonado pelos amigos, caluniado e humilhado na imprensa. Suas obras não podem ser enquadradas em um único estilo, pois sofreram influências das tendências naturalistas, realistas, expressionistas e impressionistas. Sua principal obra *O Ateneu*, publicado em 1888, possui algum caráter autobiográfico.

A principal distinção a ser feita entre os escritores desta escola e das demais é a objetividade, citada por Proença Filho, para quem “o escritor realista encara a vida com objetividade, sem intrometer-se na caracterização dos tipos que cria ou recria, no sentido de que ele não confunde seus próprios sentimentos com os de seus personagens.” (PROENÇA FILHO, 1969, p 209).

Machado de Assis, ou melhor, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no Morro do Livramento, em 21 de junho de 1839; e nela viveu por sessenta e nove anos e alguns meses, eternizando-se não somente nela, mas em todo o país, pela qualidade de seus escritos.

Filho do operário Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, perdeu a irmã e a mãe ainda muito cedo. Órfão, o menino foi criado pela madrasta Maria Inês, também mulata, assim, como ele e seu pai. Maria Inês se dedica a Machado de Assis, matriculando-o na escola pública, única que frequentará ao longo de sua vida. Além do pouco tempo que frequentou a escola, teve aulas de francês e latim com o padre Silveira Sarmiento. Foi, porém, como autodidata que construiu sua vasta cultura literária, a qual abrangia autores menos consagrados como Sterne.

Depois da morte do pai, aos exatos quatorze anos, foi ajudar a madrasta a vender doces para sustentar a casa. Nesta época, mesmo não tendo frequentado a escola regularmente, interessava-se pela vida intelectual da Corte, tendo trabalhado como caixeiro de livraria, tipógrafo e revisor, antes de iniciar sua carreira como jornalista e cronista.

No dia 12 de janeiro de 1855, a *Marmota Fluminense* publicou seu primeiro poema "Ela". O rapaz de saúde frágil, epilético, gago e mestiço despertou-se para o mundo das artes e da comunicação.

Aos dezesseis anos consegue emprego como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional. Neste jornal, conquistou a proteção de algumas pessoas influentes como a do diretor Manuel Antônio de Almeida, já conhecido romancista e autor de *Memórias de um sargento de milícias*, publicado em 1852-53 em forma de folhetins e, em 1854, como livro, que se torna seu protetor.

Aos dezoitos anos, Machado retorna à Livraria Paula Brito e trabalha como revisor e colaborador da *Marmota*² integrando a sociedade lítero-humorística Petalógica, fundada por Paulo Brito, então dono da livraria. Neste período, conquista as amizades de José de Alencar, Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo.

Em 1859, torna-se revisor e colaborador no *Correio Mercantil*³ e um ano mais tarde é convidado por Quintino Bocaiúva para compor a redação do *Diário do Rio de Janeiro*. Escrevia, ainda, para outros segmentos, como a revista *O Espelho*, onde estreou e atuou como crítico teatral. Seu primeiro livro foi impresso em 1861, intitulado de “Queda que as mulheres têm para os tolos⁴”, onde aparece somente como tradutor. No ano de 1862, exercia a função de censor teatral, cargo este que não lhe rendia qualquer remuneração, que lhe possibilitou o acesso livre e gratuito aos espetáculos teatrais. Neste período, passa a colaborar em *O Futuro*, órgão sob a direção de seu amigo Faustino Xavier de Novais.

Em 1864 publica seu primeiro livro de poesias, com o título de “Crisálidas” e, três anos mais tarde, é nomeado ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial*.

Em agosto de 69, morre seu amigo Faustino Xavier de Novais, sendo que em menos de três meses, no dia 12 de novembro de 1869, casa-se com a irmã do amigo falecido. A noiva é Carolina Augusta Xavier de Novais, com quem foi capaz de manter uma união feliz, sem filhos, até o ano de sua morte, em 1904. Ao seu grande amor, Machado de Assis dedicou o soneto “Carolina”.

² O *Marmota* circulou de maneira sistemática de 1849 até 1861, com alguns números espaços até 1864.

³ O *Correio Mercantil* foi fundado em 1848, sendo absorvido melancolicamente por seu concorrente *O Diário do Rio de Janeiro* em dezembro de 1868.

⁴ Esta obra foi publicada originalmente pelo francês Victor Hénau.

Na década de 1870, publica as obras *Falenas* e *Contos fluminenses* e seu primeiro romance *Ressurreição* e *Histórias da meia-noite* (contos) e "Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade" (ensaio crítico).

Foi nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e anos mais tarde seria nomeado oficial de gabinete e, posteriormente, diretor da Diretoria do Comércio no Ministério do mesmo órgão. Escreve, para *O Globo*, em folhetins o romance *A mão e a luva* (1874). Além de publicar crônicas, contos, poesias e romances para as revistas *O Cruzeiro*, *A Estação* e *Revista Brasileira*.

No ano de 1880 é encenado no Imperial Teatro Dom Pedro II sua primeira peça teatral a comédia *Tu, Só Tu, Puro Amor*, escrita especialmente para a comemoração do tricentenário de Camões, em festividades programadas pelo Real Gabinete Português de Literatura.

A ampla rede de relações e amizades conquistada por Machado rendeu-lhe a oportunidade de participar de um novo e grande projeto no meio literário a criação da Academia Brasileira de Letras entre os anos de 1896 e 1897, além da participação neste projeto, consagrou-se como seu primeiro presidente, permanecendo no cargo até sua morte, em 29 de Setembro de 1908. Por sua importância, a Academia Brasileira de Letras passou a ser chamada de Casa de Machado de Assis.

Publica, no ano de 1881, um livro extremamente original e pouco convencional para o estilo da época: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerado o marco inicial do realismo na literatura brasileira. Essa obra de arte de nossa literatura é classificada como revolução ideológica, por apresentar características muito inovadoras, marcando rupturas na forma de narrar e na figura do narrador, de tal maneira que inaugura um novo estilo. Foi avaliada por inúmeros críticos, inclusive por Alfredo Bosi, que afirma:

A revolução dessa obra [*Memórias póstumas de Brás Cubas*], que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundado o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. (BOSI, 2004, p. 177)

Este romance foi publicado primeiramente em folhetim, entre o mês de março a dezembro do ano de 1880, na Revista Brasileira e no ano seguinte foi lançado em livro pela então Tipografia Nacional. A mesma é considerada revolucionária para a época, pois seu principal personagem é um defunto, ou seja, o personagem que conta a estória de sua vida já morreu, além do que, ele começa a contar esta estória do fim para o começo, sendo denominado de defunto-autor. Este narrador da grande obra machadiana aborda temas como a escravidão, o cientificismo e o positivismo, e traz o ser humano como um ser imperfeito, não idealizado.

No mesmo período, Machado continua produzindo, até 1897, quando publica pela *Gazeta de Notícias* aquelas que foram consideradas suas melhores crônicas. Nos anos subsequentes, escreve e publica outras obras, entre elas *Papéis Avulsos* e *Histórias sem data*.

Sua obra divide-se em duas fases: uma romântica e outra realista, quando desenvolveu inconfundível estilo desiludido, sarcástico e amargo. O domínio da linguagem é sutil e o estilo é preciso, reticente. O humor pessimista e a complexidade do pensamento, além da desconfiança na razão, aspectos estes que fazia com que se afastasse de seus contemporâneos.

Escreveu ao longo de sua vida cerca de nove romances e peças teatrais, cinco coletâneas de sonetos e poemas, além de duzentos contos e mais de seiscentas crônicas. Entre as publicações que podem ser citadas como algumas de suas obras mais importantes, destacam-se os romances, *Helena* (1876), além de outros romances também deste período romântico.

Seu período de escritos realistas envolve obras de arte como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Memorial de Aires* e *Dom Casmurro* (período realista), as coletâneas *Falenas* e *Americanas*, as peças *Não Consultes Médico* e o *Caminho da Porta*, entre os contos e crônicas se encontram *A Missa do Galo*, *A Cartomante*, *Ao acaso* e *Bons dias*. Muitos de seus contos também são considerados trabalhos de alto valor literário.

Machado de Assis soube em suas obras, por meio do humorismo realçar as características dos personagens, torná-las mais chamativas, em contraposição os homens de seu tempo lhe mostravam feições ridículas ou desagradáveis, além do que soube evidenciar ou distinguir os aspectos de cada gênero em favor de suas histórias. Pereira ressalta em relação a este humor machadiano o seguinte:

[...] Humorista é, afinal, quem corrige uns pelos outros os excessos da simpatia e da crítica, quem distingue no drama os aspectos da comédia e na comédia os aspectos dramáticos, quem compreende os contrates da vida e das criaturas; correção, distinção e compreensão que geram forçosamente o equilíbrio entre as faculdades emocionais e as intelectuais. [...] (PEREIRA, 1973, p. 97)

Este é, sem dúvida, um dos maiores nomes de nossa literatura, em contraposição a quem o defina como um antinacionalista, porque não exaltava em suas histórias a beleza de nossa fauna e de nossa flora, ou seja, não integrava aos seus escritos o ufanismo característico do movimento romântico, assim como os costumes regionais do Brasil, como nos cita Pereira, que contrapõe sua opinião crítica a outras análises:

Tem-se acusado Machado de Assis de ser pouco brasileiro. Acusação gratuita e superficial, já que a sua obra quer pela língua, quer pelo ambiente, quer pela índole das personagens, reflete – sem copiar servilmente – o meio social do Império e dos primeiros anos da República. Mas acusação que, a ser feita de boa-fé, se origina talvez num engano explicável: se enquadra perfeitamente em sua terra, o romancista destoa da paisagem literária. Dentro do desenvolvimento da ficção é que é difícil situá-lo. (PEREIRA, 1973, p. 59-61)

Sua importância é reconhecida por renomados críticos literários, como Alfredo Bosi, que assinala que “o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis” (BOSI, 2003, p. 174). Barreto Filho, possuidor da mesma opinião de Bosi, acrescenta ainda que:

A sua importância, na vida intelectual brasileira, não encontra paralelo, pela qualidade e abundância da obra e pelo caráter inconfundível do escritor, que atravessou incólume todos os movimentos e escolas, constituindo um mundo à parte, um estilo composto de técnicas precisas e eficazes, e uma galeria de tipos absolutamente realizados e convincentes. (BARRETO FILHO, 2002, p. 152)

Machado de Assis foi considerado o melhor escritor negro da literatura ocidental e um dos cem maiores gênios da literatura mundial pelo crítico estadunidense Harold Bloom ao lado de clássicos como Dante, Shakespeare e Cervantes. Além disto, sua obra vem sendo estudada por renomados críticos de diferentes países do mundo, entre eles, Albert Dessau (Alemanha), Paul Dixon (Estados Unidos da América).

Este artista das palavras foi, sem dúvidas, uma exceção no cenário nacional do século XIX, entretanto devemos lembrar que, ao longo de sua vida, diferentemente de seus contemporâneos, buscou cercar-se de boas influências do meio literário mundial, não ocultando e sim citando os nomes ou frases, trechos das obras de seus escritores prediletos, como Shakespeare, Swift, Victor Hugo, Garrett entre outros. Esses literatos proporcionaram grande contribuição em sua evolução, porém as influências que sofreu não diminuíram o seu valor, pois somente são fecundados por aquilo que os leitores aqueles que têm um intelecto preparado para as receberem tais influências. Veríssimo acrescenta que:

Efetivamente ninguém jamais nesta [terra] contou com tão leve graça, tão fino espírito, tamanha naturalidade, tão fértil e graciosa imaginação, psicologia tão arguta, maneira tão interessante e expressão tão cabal, historietas, casos, anedotas de pura fantasia ou de perfeita verossimilhança, tudo recoberto e realçado de emoção muito particular, que varia entre amarga e prazenteira, mas infalivelmente discreta. Histórias de amor, estados d'alma, rasgos de costumes, tipos, ficções da história ou da vida, casos de consciência, caracteres, gente e hábitos de toda a casta, feições do nosso viver, nossos mais íntimos sentimentos e mais peculiares idiosincrasias, acha-se tudo superior e excelentemente representado, por um milagre de transposição artística, nos seus contos. E sem vestígio de esforço, naturalmente, num estilo maravilhoso de vernaculidade, de precisão, de elegância. (VERÍSSIMO, 2011, p. 187)

Apesar do tempo, as obras machadianas são lembradas, chocando ou surpreendendo ainda leitores iniciantes em seu universo, além de que seus romances e contos, principalmente, têm sido adaptados para a televisão e cinema, peças teatrais e histórias em quadrinhos, influenciando, ainda, o meio musical. Sem dúvida, Machado ficou para a história do meio artístico/literário nacional, por suas obras revolucionárias e diferentes, apesar de vir de uma família pobre e negra e ter chegado ao alto nível

intelectual em que se encontrava, quando veio a falecer. Seus romances e contos especialmente estão inseridos nos vários meios sociais brasileiros e internacionais.

UM ESCRITOR ENTRE OS MAIS CRIATIVOS DO MUNDO

Machado de Assis, em sua fase realista, descobre sua verdadeira vocação: analisar o ser humano, descrevendo por meio da arte suas dúvidas, sua insuficiência existencial, sua constante luta interior e em especial suas contradições. Estas lutas internas são representadas em suas obras, incluindo seus contos com tom irônico, sarcástico, amargo, desiludido e um humor pessimista. Sua escrita apresenta uma linguagem rebuscada, porém sutil, sobretudo, sem idealizações em relação ao ser humano e suas ações, além de um equilíbrio incrível entre seus personagens e o ambiente em que eles vivem ou o meio social que os rodeiam. Barreto Filho destaca em relação a esta evolução do autor, de suas composições românticas para as obras realistas que:

Machado descobriu enfim a sua vocação verdadeira: contar a essência do homem, em sua precariedade existencial. As suas personagens não apresentam mais uma estrutura moral unificada e típica. São antes seres divididos consigo mesmo, embora sem lutas violentas, já naquele estado em que a cisão interna entra no declive dos compromissos e da instabilidade de caráter. O homem não é mais aquele ser responsável dos romances anteriores; é um brinquedo de forças desconhecidas. O seu livre arbítrio está limitado não só pelos obstáculos que a natureza indiferente oferece, mas pelas contradições e perplexidades internas. (BARRETO FILHO, 2002, p.159).

Em suas obras, Machado de Assis realiza a análise psicológica dos seres humanos através de seus tipos e personagens, procurando adentrar o âmago de suas criações, despindo-as e mostrando-as em suas fragilidades ao leitor, revelando-se *como um mestre da observação psicológica*; pois consegue através da visualização profunda que realizava nos homens, o mais puro exemplo de como deveriam ser ou parecer suas criações, realizando; através destas transposições do real para o artístico, uma crítica à sociedade da época.

Para alguns estudiosos, porém, esse procedimento não deveria ser realizado por escritores literários, pois acreditam que esta descrição deveria ser feita por profissionais da psicologia, o que parece ser uma visão bastante restrita da

abrangência do espaço da análise literária, principalmente porque o centro de suas preocupações é o homem.

Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, ao citar Sigmund Freud, argumenta:

Dizem que um autor deveria evitar qualquer contato com a psiquiatria e deixar aos médicos a descrição de estados mentais patológicos. A verdade, porém, é que o escritor verdadeiramente criativo jamais obedece a essa injunção. A descrição da mente humana é, na realidade, seu campo mais legítimo; desde tempos imemoriais ela tem sido um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica (FREUD apud FREITAS, 2004, p. 13).

Suas obras seguem o conceito da ironia trágica, porém não determinado pelo destino como nas obras românticas e naturalistas e, sim, pelas escolhas e atos de seus personagens, os quais podem escolher entre o bem e o mau, sofrendo em ambas as escolhas perdas, sejam elas materiais, sentimentais ou psicológicas. E, a reação dos mesmos frente a essas perdas, faz lembrar aos leitores a todo o momento as escolhas realizadas pelos homens de carne e osso.

Patrick Pessoa, em uma entrevista, realiza a distinção entre o trágico e ironia trágica:

A ironia da ação trágica é o que permite diferenciar a idéia de destino propriamente trágica da idéia de destino presente nos mitos que a tragédia toma como matéria-prima. Enquanto nos mitos o destino aparece como uma espécie de necessidade cega, em estado bruto que arrasta gratuitamente o herói, apresentado como marionete dos deuses, na tragédia não há tal passividade. A queda do herói, para ser trágica, precisa, em alguma medida, ser auto-infligida. A ironia da ação trágica, como bem mostrou Peter Szondi em seu ensaio sobre *Édipo rei*, repousa sobre “a unidade de salvação e destruição. A destruição em si não é trágica, mas sim o fato de que a salvação vire destruição. O trágico não se consuma com a queda do herói, mas sim com o fato de o homem naufragar no caminho que tomou justamente para escapar ao naufrágio”. Essa é, aliás, uma possível interpretação do que Aristóteles chama de Peripécia. (PESSOA, 2007, p. 5/6)

Desde o princípio, o maior interesse do autor era compreender a vida e decifrar a alma humana, buscando o entendimento em relação às ações e reações, os amores e desamores, a euforia e a tristeza do homem, reproduzindo em partes suas

descobertas em seus personagens, encontrados em todas as suas obras. Pereira afirma que:

Para entender a vida, começou por estudar o homem. Mergulhando nos abismos da alma, à espreita dos menores movimentos, de lá raramente emergia. Não lhe bastava saber como agiam, pensavam ou sentiam as suas personagens; o que visava era saber por que o faziam. E ao leitor só comunicava algumas das suas observações, sem se dar ao trabalho de explicar as relações entre elas. Quem não fosse capaz de concluir por si mesmo, que fechasse o livro. [...] (PEREIRA, 1973, p. 75)

Para identificarmos algumas das características humanas, incluindo a incoerência ou contradição na obra machadiana, analisaremos dois de seus contos *O Alienista* e *A Igreja do Diabo*.

O conto é uma narração de curta duração, que apresenta um texto em prosa e transmite o seu recado em reduzido número de páginas ou linhas. Deve proporcionar em seus leitores um efeito de impacto. Esse efeito tanto pode originar-se da natureza insólita do que foi contado, da feição surpreendente do episódio ou do modo como foi exposto. Esta brevidade, no entanto, não pode comprometer a qualidade do texto, que deve cumprir o seu papel principal de passar uma mensagem junto ao leitor com a mesma competência dos contos mais longos.

Não se sabe ao certo o momento exato em que o conto surgiu, no entanto é de se crer que sua existência seja tão antiga quanto a história da humanidade ou da própria arte, porém acredita-se que tenha nascido das pequenas histórias que eram contadas às crianças, os chamados contos de Fadas ou para os componentes de suas tribos.

A partir do momento em que o conto deixa de ser simplesmente oral e passa a ser escrito, ele se torna mais valorizado, em especial no século XIV, quando Boccaccio escreve contos eróticos em *Decameron*, exatamente no ano de 1350, escandalizando a sociedade da época e rompendo com o tradicionalismo moralista da maior parte dos contos produzidos na época.

Apesar de o conto discorrer sobre o cotidiano humano ou sobre suas ações e estar disposto em uma ordem sucessiva de acontecimentos, ele não tem que

apresentar fatos verossímeis, ou seja, reais. Em geral, este gênero literário busca satisfazer leitores solitários e não possui como personagens o herói, o perfeito, mas o imperfeito, assim como pode se observar nos contos de Machado.

Parrine escreve o seguinte em relação ao surgimento do conto no Brasil.

Fato é que as origens do conto [no Brasil] estão intimamente envolvidas com um tipo de produção que se dava no jornal em meados do século XIX. Quer ou não tivessem “qualidade literária”, ou qualquer outro critério que se estabeleça, esses textos de cunho ficcional delimitaram os modos e o estilo do conto moderno como seria praticado posteriormente. (PARRINE, p. 473)

Além de ter sido um grande romancista, crítico e cronista Machado de Assis foi, acima de tudo, um magnífico contista, com personagens e histórias que chegam a tocar a alma. Possui uma vasta coleção de contos, narrativas de excelente qualidade.

No que se refere a estas considerações, Barreto Filho diz que:

São algumas obras-primas e numerosas narrativas excelentes indicativas do alto domínio do gênero que o escritor havia alcançado. Uma experiência substancial da vida e do homem alimenta as páginas. Tem-se a impressão de que tudo é fácil para a sua maestria. Um tipo, uma anedota, uma atmosfera lhe bastam, para que surjam prontos e confeccionados, dos subterrâneos da evocação, aqueles exemplares de magníficas narrações. Machado de Assis está pejado de histórias, como as velhas mangueiras quando resolvem fazer vingar a sua safra. (BARRETO FILHO, 2002, p.163).

Os contos Machadianos, escritos sobre alguns preceitos realistas, que exploram e que deixam emergir todos os sentidos dos seres humanos, além de serem impregnados de momentos psicológicos. Alguns de seus contos mais conhecidos são: “*O Espelho*”, “*A Igreja do Diabo*”, “*A Cartomante*”, “*Missa do Galo*” e “*O Alienista*”, sendo o último considerado por muitos como uma novela, pois foi dividido em capítulos, e também por sua extensão. Entre muitos outros contos, cerca de oitenta publicados, Machado relegou um quadro de tipos humanos, um panorama da sociedade carioca do século XIX.

Seus contos possuem, como uma de suas características principais, a incoerência, ou seja, as contradições humanas. Nos dois contos que serão estudados,

estes aspectos são bastante visíveis, pois este autor procura expressar em suas obras o ser humano sem idealizações, isto é, o real tanto no social, como no psicológico.

Ao longo de suas obras, em especial nos contos *O Alienista* e *A Igreja do Diabo* analisados neste trabalho, notaremos a incoerência como uma das características principais no comportamento de certos personagens, sejam protagonistas ou secundários, e da sociedade com suas divisões religiosas, políticas, e entre outras, o egoísmo. Pereira faz o seguinte comentário em relação a este aspecto:

[...] Cada criatura é um mundo fechado, impenetrável aos outros, que abalroa se os encontra em seu caminho. O egoísmo, ora cínico, ora hipócrita, ora ingênuo, é um dos moveis mais freqüentes das ações. O universo de Machado de Assis é, em grande parte, uma expressão do egoísmo. Egoísmo da natureza, que sacrifica o individuo à espécie; egoísmo da sociedade que, para manter os seus estatutos, não hesita em acorrentar as criaturas a situações desagradáveis; egoísmo da família, tudo subordinado às suas conveniências; egoísmo de cada ser, exigindo sempre dos outros muito mais do que lhes dá. (PEREIRA, 1973, p. 78)

O alvo principal desta abordagem é a análise que Machado faz sobre o ser humano com suas incoerências ou contradições, em relação às suas ideologias e crenças ou sua insatisfação em relação à vida nos dois contos de Machado de Assis. Nada para ele era absoluto, muito menos o caráter humano, como nos relata Alfredo Bosi:

Menos do que “pessimismo” sistemático, melhor seria ver como suma da filosofia machadiana um sentido agudo do relativo: nada valendo como absoluto, nada merece o empenho do ódio ou do amor. Para a antimetáfísica do ceticismo, a moral da indiferença. (BOSI, 2004, p. 182)

2.1. A contradição e a visão científica em Bacamarte

Em síntese, o conto *O Alienista*, publicado primeiramente em 1882, no volume *Papéis Avulso*, conta-nos a estória do Dr. Simão Bacamarte, especialista em doenças mentais, que apesar do sucesso e da fama que tinha em Portugal, Espanha e na capital brasileira resolve voltar para a pequena cidade de Itaguaí, onde cria a Casa Verde, porém, no decorrer de suas pesquisas, se perde na definição de loucura e incoerência

humana. Por fim acaba se trancando no hospício para estudar por que ele não possuía, segundo o que acreditava, as incoerências que as demais pessoas apresentavam. Pacheco ressalta sobre este conto o seguinte:

Se o homem é facultado debruçar-se sobre a natureza externa, pode também mergulhar em si mesmo, onde se verá face a face com a razão, cuja substância Simão Bacamarte (“O Alienista” – *Papéis Avulsos*) investiga para estabelecer as suas lides com a loucura. A princípio vê naquela o equilíbrio perfeito e absoluto de todas as faculdades; depois descobre antes a avalanche dos casos clínicos e em vista da comprovação das artísticas, que se encontra justamente no oposto, isto é, no desequilíbrio de todas as faculdades. Sob uma forma paradoxal, em que verte o humor, Machado de Assis pesquisa o mecanismo da razão humana, para lhe rastrear os absurdos e contradições, de que se entretece e em que se apoia. (PACHECO, 1968, P. 51)

A ironia de *Machado* é notória neste conto, quando mostra a hipocrisia do ser humano que só pensa em seu próprio prestígio, em especial de Bacamarte que, em nome de suas pesquisas, não levou em conta os seus pacientes e fechou os olhos para características humanas comuns, ou seja, que todos possuem, que é a incoerência ou o simples mudar de ideias, ideologias, opiniões e até de caráter.

O principal objetivo de Machado, ao escrever este conto, é criticar as ciências por diminuir as ações humanas ao campo dos estudos, além de determinar estas ações a anormalidades e simplesmente buscar cura para o que ela considera errado. Por este motivo, no decorrer do conto Bacamarte, busca classificar o homem como um ser imutável, ou seja, um ser objetivo e claro sem contradições e imperfeições para alcançar esta meta, ele faz uso da ciência positivista que não aceita subjetivismo, mais ou menos ela aceita somente a verdade objetiva, precisa e sem rodeios.

Podemos observar na conversa que Simão tem com o seu amigo Boticário sobre os seus planos em relação à Casa Verde e o que ele pensava sobre a loucura ou qualquer desvio de conduta do ser humano; “[...] o principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classifica-lhe os casos, descobrir em fim a causa do fenômeno e o remédio universal. [...]” (ASSIS, 2001, p. 21)

As definições de loucura e sanidade apresentadas por Bacamarte eram bastante sistemáticas e abrangentes, ou seja, para as pessoas serem consideradas

normais ou anormais, elas tinham que atender a pontos rigorosos da psicologia científica. O pensamento positivista, com seu cientificismo e sua objetividade, tem por finalidade única a exatidão do seu objeto de estudo. Esse absolutismo não leva em consideração o sujeito, com um ser complexo e que é determinado por inúmeros fatores, como o físico, o religioso, o cultural, o ambiental e o familiar, e por esses determinantes é um ser único. Bakhtin tem uma visão diferente da adotada pela ideologia positivista. Ele assinala que:

Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque como sujeito, não pode, permanecendo sujeito ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (BAKHTIN, apud FREITAS 2004, p. 28).

Oliveira acrescenta em relação a este conto que:

“O Alienista” (1882) surgiu em um contexto em que imperavam as idéias científicas que procuravam explicar todo o comportamento humano por meio da ciência. Em “O Alienista” (1882) Machado satiriza a ciência psiquiátrica, que investida de poder absoluto e tirano na pessoa de Simão Bacamarte, tenta manter uma cidade inteira sob seus comandos alienados. (OLIVEIRA, p. 27)

Um dos principais fatos que nos chamam a atenção em “*O Alienista*” na figura do Dr. Bacamarte é, sem dúvida, o momento em que ele resolve escolher uma companheira. Pois, diferentemente das demais pessoas que realizam esta escolha por amor, paixão, ou seja, por encantamento pelos belos atributos físicos como lindos olhos, rosto e corpo e, sobretudo pela beleza interior do outro, ele procurava na mulher que seria sua futura esposa e companheira características diferentes como, por exemplo, se ela poderia lhe dar filhos robustos, saudáveis, ou até mesmo se ela não apresentava atributos físicos, ou melhor, beleza. Encontrou estas características em D Evarista: “Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. [...]” (ASSIS, 2001, p. 19)

Porém, ao realizar esta escolha de se casar com Dona Evarista, espantou até mesmo seu tio que ao lhe questionar tal escolha recebeu a seguinte resposta:

[...] Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos fraco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes, se além dessas prendas, - únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lástima – lá, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses das ciências na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte. (ASSIS, 2001, p. 19).

Depois de um determinado tempo que já estavam instalados na pequena cidade de Itaguaí e sem ter tido seu tão sonhado filho, Simão Bacamarte resolve dedicar-se à ciência e acaba percebendo que os considerados por ele e pela sociedade doentes mentais não tinham um lugar adequado para serem tratados e viviam soltos pelas ruas ou trancados. Estas pessoas eram vistas pela comunidade como seres inferiores e anormais, pois não seguiam suas regras e preceitos, além do que estes intitulados loucos nesta época eram considerados, perante a religião, como seres pecadores, ou seja, estas pessoas eram escondidas, pois eram causa de vergonha para suas famílias:

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é argüida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes, Assim é que cada louco furioso era traçado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. (ASSIS, 2001, p. 20).

Ao criar a Casa Verde assim denominada o hospício, Simão possuía como principal desejo estudar o comportamento humano e porque apresentavam tais características; “— Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.” (ASSIS, 2001, p. 20). Para o mesmo, a caridade é considerada simplesmente um aperitivo, sendo assim se a criação deste ambiente não lhe auxilia em seus estudos, e somente ajuda as pessoas, ele não

teria lutado para sua construção, pois ele não estava levando em conta se realmente a criação deste lugar iria ajudar os doentes mentais.

Esta passagem nos mostra que a individualização é uma parte inerente do ser humano, pois contrariando os preceitos religiosos e sociais que pregam que o outro deve sempre vir em primeiro lugar ou devemos pensar em primeiro lugar no bem comum.

Na Casa Verde, encontravam-se indivíduos com variados transtornos mentais, por isso, como procedimento clínico e de sistematização, o alienista procurou classificar as enfermidades mentais destes atormentados por categorias, ou seja, se as pessoas sofriam de mal de amor, ciúmes, grandeza, entre outros delírios violentos, ou não.

Dentre esses variados transtornos, podemos citar o de um jovem que andava sem parar nos corredores e pátios à procura de sua esposa, a qual ele havia matado no dia em que o abandonou. Assassino da mulher, matou-a com requintes de crueldade, não poupando também a vida do amante, do qual tratou também de vingar-se. No entanto, o inconsciente virou-se contra ele, acusando-o sempre:

Os loucos por amor eram três ou quatro, mas só dois espantavam pelo curioso do delírio. [...] O outro andava sempre, sempre, sempre, à roda das salas ou do pátio, ao longo dos corredores, à procura do fim do mundo. Era um desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um peralvilho. Mal descobrira a fuga, armou-se de uma garrucha, e saiu-lhes no encalço; achou-os duas horas depois, ao pé de uma lagoa, matou-os a ambos com os maiores requintes de crueldade. (ASSIS, 2001, p. 22).

Este caso foi classificado por Bacamarte como mal de amor, porém, ao analisarmos este caso segundo os preceitos da religião, do bem e do mal, iremos nos perguntar em que momento este homem amou esta mulher. No exato momento em que o sentido de amor foi distorcido, encontramos uma enorme contradição, pois o ser humano desde cedo aprendeu que amar é perdoar, respeitar, confiar...

Este chamado amor era tamanho que mesmo depois de ter matado os assim considerados traidores, esse homem os procurava em todos os cantos e desejava encontrá-los até mesmo no fim do mundo. “O ciúme satisfaz-se, mas o vingado estava

louco. E então começou aquela ânsia de ir ao fim do mundo à cata dos fugitivos.” (ASSIS, 2001, p. 22).

Em outro momento, quando a esposa do boticário Crispim está presa no hospício e ele não vem libertá-la e muito menos demonstra nenhuma preocupação com a mesma, ela acaba proferindo inúmeras acusações sobre seu marido. Acusações estas que estão em desacordo com o comportamento da personagem ao longo da estória, pois desde o principio pareceu acatar e respeitar o marido, revelando neste momento que, na verdade, ela até então apenas mantinha as aparências, era cúmplice do marido. “—Tratante!... velhaco!... ingrato!... Um patife que tem feito casas à custa de unguentos falsificados e podres... Ah! tratante!...” (ASSIS, 2001, p. 49).

Porém devemos analisar que neste casamento não somente a esposa era falsa, mas também o Boticário que no dia da viagem que sua mulher fez ao Rio de Janeiro junto com a comitiva que acompanhava Dona Evarista, ficou extremamente triste na hora da despedida “—Adeus! soluçaram enfim as damas e o boticário. [...] E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; [...]” (ASSIS, 2001, p. 24). E ainda durante a ausência da mesma, ficou triste e preocupado, xingando à si mesmo por ter permitido que ela viajasse, como pode-se verificar no trecho a baixo:

[...] Crispim amava a mulher, e, desde trinta anos, nunca estiveram separados um só dia. Assim se explicam os monólogos que ele fazia agora, e que os fâmulos lhe ouviam muita vez:—“Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesária? Bajulador, torpe bajulador! Só para adular ao Dr. Bacamarte. Pois agora agüenta-te; anda, agüenta-te, alma de lacaio, fracalhão, vil, miserável. Dizes amem a tudo, não é? Aí tens o lucro, biltre!”—E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. [...]. (ASSIS, 2001, p. 25).

Neste conto, enquanto uns são violentos ou falsos, temos em contraposição a estes o Costa, que é como a maioria dos que foram internados no hospício, somente por serem diferentes da grande parte da população. O personagem é escrito da seguinte maneira:

Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí. Herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de El-rei Dom João V, dinheiro cuja renda bastava,

segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver "até o fim do mundo". Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem usura, mil cruzados a um, dois mil a outro, [...] a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. Se a miséria viesse de chofre, o pasmo de Itaguaí seria enorme; mas veio devagar; ele foi passando da opulência à abastança, da abastança à mediania, da mediania à pobreza, da pobreza à miséria, gradualmente. [...]. (ASSIS, 2001, p. 27).

Como se percebe, Costa era um ser desapegado dos valores materiais e que não se importava em emprestar dinheiro aos outros, porém não tinha controle sobre sua bondade ou ingenuidade, pois perdoava a todos os seus devedores sem se preocupar qual o valor da dívida. Com o passar do tempo, foi perdendo toda sua herança, chegando ao ponto de se encontrar na miséria e conseqüentemente as pessoas que antes elogiavam, enchiam-no de atenção, passaram a desprezá-lo e humilhar-lo salve algumas exceções. O que mais nos chama a atenção neste cidadão itaguaínense é, sem dúvida, o fato de que se apresenta sempre sorridente e feliz, não se abalando com os maus tratos alheios e ligando menos ainda quando internado, permanecendo calmo e tranquilo perante tudo. Como se pode observar no trecho longo abaixo:

[...] E o Costa sempre lhano, risonho. Nem se lhe dava de ver que os menos corteses eram justamente os que tinham ainda a dívida em aberto; ao contrário, parece que os agasalhava com maior prazer, e mais sublime resignação. [...] Muita gente correu à Casa Verde, e achou o pobre Costa, tranqüilo, um pouco espantado, falando com muita clareza, e perguntando por que motivo o tinham levado para ali. [...]. (ASSIS, 2001, p. 27-28).

Ao se analisar este caso nota-se ainda que, além do desapego material do Costa, de sua ingenuidade e amor desmedidos pelos outros, se encontram pessoas de mau caráter, aproveitadoras, que só buscam beneficiarem-se à custa dos seus semelhantes. Como é o caso de um dos devedores do Costa que mesmo depois de ser perdoado por uma dívida procurou seu bem feitor para lhe pedir outro empréstimo.

Porém, o alienista não percebeu que ele mesmo era uma prova viva da incoerência humana, demonstrando essa contradição no decorrer da trama. Em quase todo desenvolvimento da estória acreditou ser um ser humano excepcional, com qualidades e valores que não encontrava nas demais pessoas, ou seja, não via em si o

que considerava defeitos. Porém, o próprio alienista mostrou-se frio em vários momentos que certamente a maioria da humanidade perderia a calma, se emocionaria. Como no dia em que sua esposa lhe disse que mesmo casada com ele parecia ainda estar viúva, Simão reagiu como se ela não lhe tivesse dito nada:

[...] Em todo caso, o alienista não lhe atribuiu intenção. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo. [...]. (ASSIS, 2001, p. 23).

Ou quando sua mulher viajou para o Rio de Janeiro, onde todos se emocionaram, mas ele não demonstrou nenhum sinal de tristeza; “[...] As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Conquanto as lágrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalá-lo. [...]”. (ASSIS, 2001, p. 24). Além de que no decorrer da viagem não demonstrou sentir saudades e nem preocupação, procurando ocupar seu tempo estudando mais e mais, aperfeiçoando novas teorias e cuidado de seus doidos.

No entanto, a maior evidência de contradição é o fato de que ele se considerava uma pessoa totalmente normal e perfeita entre todos, como pode se observar no trecho abaixo:

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas, sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa. (ASSIS, 2001, p. 50).

E por fim, passou a ser considerando o único louco realmente de Itaguaí e redondezas, pois depois do fechamento da Casa Verde e de todas as pessoas serem consideradas normais, ele se trancou no hospício para estudar a si mesmo e descobrir porque, segundo suas concepções, ele não apresentava as incoerências humanas

encontradas em todos os seres humanos e não nele. Como pode se ver no trecho abaixo:

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguaí mas esta opinião fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. (ASSIS, 2001, p. 51).

Menezes faz a seguinte ressalva, ao afirmar que:

Porém, como salienta Szasz (1979), o conceito de doença mental relaciona-se, até os dias atuais, a um afastamento de uma norma psicossocial e ética estabelecida. Logo, seria logicamente absurdo que uma ação médica fosse imposta à resolução de problemas cuja existência foi definida em bases não médicas. O que se observa também é que o asilo de doentes mentais buscava (e ainda busca) homogeneizar diferenças, extinguir irregularidades, estabelecendo uma oposição entre normal e anormal. (MENEZES, 2011, p. 270)

Como pode-se entender que o conceito de normal ou anormal são definidos não somente pela psicologia, mas também pela sociedade que determina em muitas vezes como uma pessoa deve ser classificada/intitulada, e somente alguns estão dispostos a compreender as diferenças e os defeitos humanos, parece difícil conceituar o que é ser normal e o que é ser anormal. .

2.2. As figuras do Bem e do Mal e a eterna contradição humana

Encontra-se nas obras de Machado de Assis características inovadoras, tanto do Realismo/Naturalismo como do Parnasianismo. No entanto, o que percebe-se é que as mesmas são permeadas de surpresas e de muitos fatos curiosos; não somente nas

estórias, mas também nos personagens e fatos. Com personagens carregados de sentimentos e culpas, porem egoístas e individualistas, sendo por fim humanamente verdadeiros. Magalhães acrescenta que:

[...] Machado de Assis faz surgir o homem que afirma e nega, realçando a relação entre individual e social. O sujeito se move, se percebe em algum lugar com determinadas relações. Sucumbir ou não a essas contradições são opções possíveis. Não há determinismo, mas olhar consciente sobre a realidade. O sujeito percebe as possibilidades e limites: [...] (MAGALHÃES, 1990, p. 75)

Outro conto excelente A Igreja do Diabo também possui estes elementos de contradição, ou seja, a incoerência humana, as quais serão demonstradas neste trabalho.

No conto *A Igreja do Diabo*, publicado no ano de 1884, no volume *Histórias sem data*, o Diabo resolve fundar uma Igreja e consegue, por um determinado tempo, obter um número considerável de adeptos. A lei mais importante que regia sua igreja é a de que o indivíduo integrante dela deveria ter uma vida prazerosa em todos os sentidos, não precisando ter ética nos negócios e nem tampouco na política.

Estas pessoas poderiam fazer uso de qualquer meio para ganhar e alcançar seus objetivos em termos financeiros ou não, mesmo que fosse de forma desonesta. Também não seria preciso ajudar os outros e nem preocupar-se com os amigos e familiares. Com o decorrer do tempo, por mais apegados que os crentes estivessem ao novo credo, começaram a não acatar as tais leis. Assim, às escondidas, os adeptos da nova igreja, entregavam esmolas aos mais pobres e escutavam com certa atenção e cuidado os lamentos dos conhecidos e ofereciam os seus préstimos e amizade. Também os casados evitavam trair seus parceiros e os comerciantes e políticos honravam seus compromissos, mesmo que declarassem seguir à risca a hedonista lei do Diabo. Podemos destacar como principal objetivo de Machado, ao escrever este conto, realizar uma crítica aos sistemas religiosos e seus paradigmas.

O conto *A Igreja do Diabo* é dividido em quatro capítulos, de narrativa densa e em um primeiro momento aparenta ser uma obra banal e de simples interpretação, mostrando ser de difícil entendimento até mesmo para os leitores munidos de referencial teórico e cultural, ou seja, este conto assim como outros não são totalmente

objetivos. Este conto integra a obra *Histórias sem data*, tendo como personagens principais Deus e o Diabo, enfocando de maneira cômica a relação Deus/religião, homem/razão.

Em *A Igreja do Diabo* nota-se que a maior demonstração de incoerência humana está representada pelas figuras de Deus e do Diabo, pois segundo a Bíblia, o homem foi criado à semelhança de Deus, ou seja, Ele, assim como o homem não seria perfeito, de maneira que teria dúvidas e até mesmo cometeria erros.

Deus, por outro lado, se possui estas ou aquelas características, o Diabo também as teria. Isto é o que se insinua no conto de Machado de Assis, em que as figuras de um e outro aparecem sob um modelo maniqueísta, de maneira que o bem aparece ancorado por uma moral de época, enquanto o mal corresponde àquilo que a sociedade de época aparentemente refuta ou recusa. Por outro lado, o aspecto intertextualidade, ilustrado com certas passagens do texto bíblico estão explícitas na criação de Machado.

Tem-se, no primeiro parágrafo do conto *A Igreja do Diabo*, um elemento que está em posição antagônica ao tema explorado neste trabalho, pois o mesmo busca as contradições/incoerências humanas. Este elemento é a inveja que o Diabo sente de Deus, por ser organizado em seu trabalho de recrutar os homens, e por sua religião possuir regras e rituais, enquanto o mesmo era desorganizado e não tinha nem religião e regras.

CONTA um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez. (ASSIS, 2001, p. 53).

Porém, segundo a Santa Bíblia, a inveja é um dos pecados capitais e por isso se contrapõe às leis principais que regem a vida e as ações humanas; para sintetizar o preceito deste livro sagrado que nos diz que não se deve ter em nenhum momento o desejo de possuir as coisas alheias, têm-se as igrejas e religiões.

Como um dos representantes neste conto da incoerência humana, deve-se notar que entre o Diabo e Deus há uma mútua admiração e respeito, pois de certa maneira para dois seres que se odeiam, eles não precisavam comunicar nenhum tipo de decisão ao outro, como o considerado Maligno o fez: “[...] Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, [...]” (ASSIS, 2001, p. 53).

No entanto, deve-se considerar que quando um inimigo, busca pisotear, humilhar ou desafiar seu rival não realizar a mesma ação que o Demo efetuou, quando resolveu subir aos céus para anunciar ao todo Poderoso sua decisão: “[...] e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: - Vamos, é tempo. [...]” (ASSIS, 2001, p. 53). Ou seja, ele gostaria de sentir a desaprovação ou a aprovação de Deus para se sentir superior ou igual ao ser que, de certa maneira, ele admirava e que, por exaltar, queria destruir ou superar, assim como fazem os seres humanos uns aos outros: “- Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... [...]” (ASSIS, 2001, p. 54).

Deus, como personagem do conto, aparece como um ser sublime, calmo, tolerante e totalmente bom; e o Diabo surge como um ser desprezível e mal, porém ingênuo, o que nos mostra que nada é tão bom ou mal, que nada é pra sempre, deixando claro que ninguém possui tais características, ou seja, ninguém é imutavelmente.

O Diabo, em uma de suas conversas com Deus, descreveu, com muita ironia e provocação ao seu opositor, o ser humano, ou melhor, os seguidores da palavra do Senhor, da seguinte maneira:

Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. [...] (ASSIS, 2001, p. 54).

Como se pode concluir, os seres que ao mesmo tempo em que buscam a santidade, acabam por buscar o pecado também, ou seja, eles não vivem plenamente o bem ou mal, estão divididos entre ambos.

A religião criada pelo Diabo veio para contradizer aos dogmas de Deus, pois ao contrario das religiões cristãs que pregam as sete virtudes, ou seja, a fé, esperança, caridade (amor), prudência, justiça, fortaleza e temperança, este novo credo aceitam os Setes Pecados, ou melhor, fazem parte das regras da mesma e repudiava as tais virtudes dos demais centros religiosos. Os homens poderiam mostrar seu outro lado, seu lado sóbrio ou não aceitável pela igreja tradicional. Mostrando o homem facilmente corruptível e exposto, cativo às influências malignas ou de qualquer outro tipo de ação externa ou interna.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu"... O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos do *Hissope*; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? [...], pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento. (ASSIS, 2001, p. 55).

Com todos os estímulos oferecidos por esta religião , não havia no mundo pais, nação que não conhecesse os preceitos do Maligno, não havia língua em todo o mundo que não tinha a traduzido, passando a ser frequentada por pessoas de todos os tipos sociais, raças, nações, credos e etnias.

Porém, com o passar dos anos o Diabo percebeu que seus fies estavam praticando boas ações novamente. No entanto, estas boas ações eram praticadas às escondidas e não corriqueiramente, deixando o Satã admirado e espantado, como pode se verificar no trecho abaixo:

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe

pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros. (ASSIS, 2001, p. 57).

O ser humano que, através da criação do Satanás podia, roubar, enganar, matar, corromper e mentir, estava doando, ajudando, falando a verdade. O Diabo, contudo, ficou abismado com alguns casos que lhe chegaram ao conhecimento e que são citados abaixo:

[...] Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um *drogman*; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. [...] Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de cinquenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meter-se na cama para não confessar que estava são. Pois esse homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. [...] (ASSIS, 2001, p. 57).

Não compreendendo aquela situação, de contradição humana, pois quando os homens podiam e “seguiram” os ensinamentos do Senhor eles às escondidas praticavam o mal, o pecado e agora que eles tinham uma religião que lhes permitiam realizar/cometer o pecado acabam também as escondidas fazendo o bem, ajudando o próximo. Buscando esclarecer essa dúvida procurou imediatamente a Deus que respondeu a ele com a seguinte frase: “- Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.” (ASSIS, 2001, p. 57).

Através desta resposta pode-se verificar que nem Deus sabia o porque de tão atitude humana, revelando que a mente do ser humano será sempre uma grande incógnita. No entanto, nota-se que a identidade do homem é formada por diversos

fatores desconhecidos, porém, a sociedade tem uma grande contribuição na formação do caráter e da identidade do mesmo. Como afirma Hall acrescentando que:

A identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num dialogo continuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2003, p. 11).

Atualmente o ser humano, tem-se corrompido, mesmo com todo o estudo, a ciência, cultura e informações adquiridos, possuidor das leis, dos princípios, da moral, dos bons costumes, do respeito pelo seu próximo, da solidariedade, da caridade e muitos outros fatores que regem a vida em sociedade, mas estão sendo deixados de lado por ganância, orgulho tosco, individualização e principalmente de muito egoísmo. Lisboa realizar o seguinte diagnóstico de que:

Que o homem tem dentro de si um anjo e uma besta não é ideia nova. Pascal já afirmou isso, sabiamente, no século XVII. Quando somos bons domadores, quando adquirimos boas rédeas pela educação, cultura e religiosidade, o anjo reina. Somos então criaturas honestas, quase santas. O filósofo famoso já disse: “Inteligência e vontade são duas faculdades que caracterizam o homem e o distinguem da besta”. (LISBOA, p. 1)

Entretanto, ao se falar do hoje, convém lembrar que, desde o princípio da humanidade, as características do bem e do mal já existiam, tanto que a ideia de maniqueísmo sustenta-se sobre essa dualidade. E percebe-se também que os aspectos que envolvem as contradições humanas existem desde que o homem sua vida, nos períodos do Feudalismo, Escravocrata e das Navegações (ou Colonização).

É preciso compreender, no entanto, que tanto os significados de um conceito só existe quando posto em comparação com outro. Ou seja, significam em relação a um parâmetro. O “bem” só é o bem quando posto em relação com o “mal”, de maneira que sua significação tem variado ao longo dos séculos e nas diferentes sociedades. E Machado bem o percebeu, tanto que relativiza e ironiza tanto o bem quanto o mal, o certo e o errado, o normal e o anormal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis soube ao longo de sua vida superar suas dificuldades, não somente o fato de ter sido mulato, gago e epilético mas também soube superar os obstáculos causados pelas classes econômicas, tornando se um exemplo de superação.

Muitos estudiosos ao longo da história da humanidade tentaram e ainda tentam entender a mentalidade do ser humano, no entanto, sabe se atualmente que o homem é um ser mutável, ou seja, ele apresenta se em constante evolução e redefinição de caráter, valores e atitudes.

O sexo masculino discorre que as mulheres são seres incompreensíveis, porém, ao se analisar o homem como um todo descobre se que ambos os sexos são desestruturados se comparar como eles são retratados pela Bíblia e pela ciência.

Com a evolução tecnológica o *homo sapiens* passou a ser cada vez mais individualista, comparando com seus antecessores, que na grande maioria ajudavam seu próximo e respeitavam-nos, sem segundas intenções. Outro fator é eles se tornaram alienados com as facilidades encontradas com as novas tecnologias e deixaram de pensar em coisas tão simples do cotidiano.

Estas pessoas são rapidamente influenciadas por uma minoria, ou seja, das classes econômicas mais elevadas, influências muitas vezes negativas que corrompem os poucos valores e crenças existentes nestes indivíduos e na sociedade. Nos contos de Machado de Assis, encontram se em suas personagens atitudes reais que facilmente podem ser vistas no dia-a-dia.

No conto “O Alienista”, por exemplo, percebe se na figura do Dr. Bacamarte o verdadeiro reflexo de incoerência, pois ele que se considerava um ser perfeito, completo e inalterável e que via nas demais pessoas o imperfeito, o incoerente e irracional descobriu que o que ele considera em si magnífico, não o ajudou a ser feliz. Pode se concluir que, de certa maneira, a incoerência traz felicidade ao ser humano.

Já no conto “A Igreja do Diabo” esta incoerência é representada pelas figuras de Deus e do Diabo, além dos próprios homens, que não sabem se querem viver segundo as leis do bem ou do mal.

Enfim, o homem é, sem dúvida, metade luz e metade treva e somente assim ele será perfeito, ou melhor, se para o narrador machadiano Deus e o Diabo são imperfeitos, imagine como ele descreve o ser humano.

O narrador de Machado retrata o homem imperfeito, incoerente e contraditório, mesquinho e individualista. E Deus e o Diabo como humanistas, tornando os iguais aos homens.

Conclui se através deste trabalho que a incoerência é inerente ao ser humano, ou seja, não existe ou existira homem normal, se não possuir, em algumas de suas ações ou momentos da sua vida, a contradição.

Por fim, sabe-se que cada ser humano é, ao mesmo tempo, um anjo e uma besta, o caçador e a caça, o urubu e a bomba e que dentro de si existe Deus e o Diabo, o bem e o mal, o vil e o dócil. Como disse Deus ao Diabo em *A Igreja do Diabo* esta é a eterna contradição humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Antônio Soares. **História da Literatura Brasileira**. 8. ed. ref. e ampl. São Paulo, Saraiva, 1973.

ASSIS, Machado de. **Contos**. São Paulo: CT Editora, 2001.

BARRETO FILHO, José. **Introdução a Machado de Assis**. In: COUTINHO, Afrânio, COUTINHO, Eduardo de Faria (orgs). **A Literatura no Brasil**. Volume 4. Era Realista Era de Transição. São Paulo: Global, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 42. ed. São Paulo: Pensamento – Cultrix, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritores**. 4. ed, reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas cidades, 2004.

COUTINHO, Afrânio. “**Realismo**. Naturalismo. Parnasianismo”. In: COUTINHO, Afrânio, COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). **A Literatura no Brasil**. volume 4 Era Realista Era de Transição. São Paulo: Global, 2002.

DE NICOLA, José. **Literatura Brasileira**: das origens aos nossos dias. 15. ed. –São Paulo: Scipione, 1998.

DIXON, Paul, **Os contos de Machado de Assis**: mais do que sonha a Filosofia. Porto Alegre: Editora Movimento, 1992.

FILHO, Domínicio Proença. **Estilos de Época na Literatura**. 2. ed. Rio – São Paulo: Linceu, 1969.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis**: uma interseção entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PACHECO, João. **A Literatura Brasileira** (O Realismo) (1870 – 1900). 3. ed. – São Paulo: Cultrix, MCMLXVIII (1968)

PACHECO, João. **O Realismo**- A literatura brasileira. 3. ed. São Paulo: Cultrix, MCMLXVIII (1968)

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Historia da Literatura Brasileira** (Prosa de Ficção – de 1870 a 1920). 3. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PESSOA, Patrick. **A ironia trágica de Machado de Assis**. *Viso · Cadernos de estética aplicada* n. 1, jan-abr/2007. p. 5.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Literatura Brasileira**. 5. ed. – São Paulo: Moderna, 1995.

SITES CONSULTADOS

LISBOA, Ely Vieitez. **O Diabo de Machado de Assis**. Disponível em: <<http://www.linguagemviva.com.br/230.pdf>>. Acesso em: 21 Out 2011.

MAGALHÃES, Belmira. **História e representação literária**: um caminho percorrido. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/download/revista/Revista_Brasileira_de_Literatura_Comparada_-_06.pdf>. Acesso em: 27 Out 2011.

MENEZES, Lucianne Michelle de. **“O Alienista”: doença mental ou desvio social?**. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/posgraduacao/letras/mis/pdf/v7/lucianne.pdf>. Acesso em: 20 Out 2011.

OLIVEIRA, Daniela Rodrigues de. SILVA, Fernanda Cristina Ananias Da. IVAN, Maria Eloísa de Souza. **“O Alienista”**, DE MACHADO DE ASSIS: um conto e outras leituras. Disponível em: <<http://www.facef.br/novo/letras/rel/edicao04/O%20ALIENISTA.pdf>>. Acesso em: 20 out 2011.

PARRINE, Raquel. **Aspectos de Teoria do Conto em Machado de Assis**. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano2-Volume1/literatura-artigos/Aspectos-de-Teoria-do-Conto-em-Machado-de-Assis_Raquel-Parrini.pdf>. Acesso em: 22 Out 2011.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/histlitbras.pdf. Acesso em: 20 Out 2011.

